

Crônica de uma família a dois (ou A paixão adormecida de um casal em crise)

Helton Marques¹

Ela chegava do trabalho todos os dias, cansada, sem desejo, sem paixão. Eu era o noivo. Morávamos em uma pequena casa de uma cidadezinha de interior. Vida pacata, sem estímulo, sem emoção, sem... Enfim, éramos uma família a dois.

O ano era trágico e contribuía para aquela vida maçante. O ano era 2020, marcado por uma pandemia que distanciou pessoas para evitar contágio. Mas isso não era novidade para dois amantes já distantes entre si. A novidade era ficar em isolamento social, sem festas, sem eventos, sem amigos, sem... Enfim, estávamos em crise.

Contudo, vivíamos bem. Casa confortável, contas em dia, rotina organizada... rotina. Um jovem casal em rotina é um perigo para o Amor. Acordar, tomar café, arrumar-se, trabalhar; almoçar, trabalhar, tomar café; trabalhar; voltar para casa, tomar banho, jantar, deitar e... dormir. Circuito fechado. Inferno dantesco. Como sair disso?

...

“Preciso de um tempo”, disse ela um dia, não aguentando mais as consequências de uma vida em isolamento, a dois, só dentro de casa, sem poder sair para encontrar amigos, sem estímulos. As discussões estavam cada vez mais intensas. Mesmo assim, fui pego de surpresa.

“Mas a gente pode conversar e resolver de outro jeito!”, disse eu, tentando demonstrar calma e o mínimo de racionalidade. Mas minha vontade era gritar e acordar daquele pesadelo.

“Estou confusa e preciso de um tempo. Vou embora para a casa dos meus pais”, disse ela, em lágrimas sinceras de amor ferido e paixão adormecida.

Não foi.

¹ Doutor em Letras pela UNESP, Campus de Assis.

...

Passaram-se alguns meses. Ela chegava do trabalho todos os dias, cansada, sem desejo, sem paixão. Eu era o noivo.

A pandemia continuava distanciando as pessoas, que tinham medo de contaminar ou de serem contaminadas. Continuamos vivendo na mesma casa daquela cidadezinha de interior. Vida pacata, sem estímulos, sem emoção, sem... Enfim, somos uma família a dois.

...

“Hoje tenho terapia. Você me leva, né?”, perguntava ela.

Dizia que sim, que a levava, sem problemas. “E depois pedimos algo diferente para comer na janta. O que acha?”, perguntava eu, com o coração batendo.

“Pode ser!”, respondia ela, com uma faísca de entusiasmo.

E assim, a paixão adormecida começava a despertar de um sono sincero, longo, e terrivelmente profundo...

Naquele Hospital

João Fernando Fadel (Autor)¹
Helton Marques (Coautor)²

Choro e tristeza!
O Brasil passando mal.
Tudo acontecia
naquele hospital.

Naquele hospital,
eu via sofrimento;
muitos pacientes,
pouco medicamento.

Penso que a doença
é inimiga do tempo.
Infelizmente esse tempo
é sempre tão lento!

É quando reina o silêncio
e não se ouve ninguém.
Lágrimas e gritos,
aqui jaz mais alguém.

Uma fila lotada,
todas as vagas ocupadas!
Morre-se esperando; afinal,
tudo acontecia naquele hospital

Quando não morre,
é abandonado por parente.
Dói no coração da gente
ver um paciente doente.

Escrevi esse poema
em Brasília, capital;
sentado em um banco
naquele hospital.

¹ Estudante do terceiro ano do Ensino Médio do Colégio Palmital - Objetivo Sistema de Ensino.

² Doutor em Letras pela UNESP, Campus de Assis.